

RUA HENRIQUE DE BARCELLOS

Deliberação da Câmara em 08-07-1922

Edital de 10-07-1922

Formada pela rua Jataí e Humaitá

Início na rua José de Alencar

Término na avenida Francisco Glicério

Centro

Obs.: Edital assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Raphael de Andrade Duarte.

HENRIQUE DE BARCELLOS

Henrique de Barcellos nasceu na Ilha Terceira, nas Canárias, em 26-fevereiro-1854 e faleceu, repentinamente, em Campinas, em 02-setembro-1911. Ao desembarcar no Brasil, logo que aqui aportou, passou a morar na côrte do Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1873, quando se transferiu para o nosso Estado, vindo a se estabelecer em Campinas. A qui chegando, dedicou-se ao comércio. Todavia, Barcellos não havia nascido para a carreira comercial. Habitavam em sua alma outros desejos. Sua vocação maior era o jornalismo. Muito jovem, inteligente e disposto à luta, ingressa na imprensa por intermédio de um pequeno jornal: "A Sensitiva". Em 1874 ao lado de José Gonçalves Pinheiro, Barcellos faz circular o primeiro número de "A Mocidade". Já nesse tempo, estava firmado o prestígio de Barcellos nos meios intelectuais de Campinas. Com José Gonçalves Pinheiro e Alberto Sarmento, funda em 19-setembro-1875, o "Diário de Campinas", do qual foi diretor intelectual durante dez anos. Deixando essa folha, logo depois, Barcellos funda em 01-janeiro-1885, o "Correio de Campinas", do qual se afasta mais tarde, em virtude de haver sido nomeado diretor do "Colégio Culto à Ciência". Fica afastado, algum tempo do jornalismo, mas o bom filho, finalmente, à casa retorna. Barcellos volta à arena da imprensa e com seu retorno surge à 01-setembro-1900 o "Comércio de Campinas", jornal que foi recebido com grande entusiasmo por todas as classes sociais de Campinas, e em cujo leme o grande jornalista permaneceu até sua morte. Além de jornalista, Barcellos escreveu também, diversos trabalhos para teatro, dentre os quais se destacaram: "Os Dois Pagens", "Amores do Sr. Antão", "Apuros de um Jornalista" e "Gato de Botas". E esse grande jornalista, educador emérito, valoroso defensor dos interesses coletivos, amigo de cido dos pequenos, morreu pobre.

EDITAES



DENOMINAÇÃO DE RUAS

Raphael de Andrade Duarte, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico pelo presente que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 8 do corrente, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1902, ficam de hoje em diante alteradas as denominações das ruas seguintes :

Em homenagem á distincta colonia portugueza desta cidade e como reparação da injustiça que lhe foi feita em 7 de Maio de 1894, retirando-se o nome de Lusitana, da via publica ora denominada General Carneiro, quando navios lusitanos haviam acolhido a seu bordo mais de 500 brasileiros, salvando-lhes a vida — dita rua fica de novo com o nome de *Lusitana*.

Em homenagem á memoria do heroico general citado, que morreu em defesa da legalidade no cerco da Lapa, a rua que atravessa o terreno do campo dos variolosos, onde vão ser construidos os edificios da S. A. Industrial de Seda Nacional e do Instituto Moore, fica denominada — *Avenida General Carneiro*.

E em homenagem á memoria do conhecido educador e jornalista emerito desse nome, que muito contribuiu para o progresso desta terra, tambem a antiga rua Jatahy fica denominada — *Henrique de Barcellos*.

E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. E eu, *Amilar Alves*, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 10 de Julho de 1922.

Raphael de Andrade Duarte.

RUA HENRIQUE DE BARCELLOS



HENRIQUE DE BARCELLOS

Português de origem, natural dos Açores, Henrique de Barcelos veio para Campinas em plena mocidade. Tendo pendor jornalístico, procurou o meio da imprensa. O primeiro jornal em que trabalhou foi o "Diário de Campinas", fundado por Anténio Sarmiento. Professor também, tempos depois era nomeado diretor do Ginásio de Campinas. Foi um dos mais vivos polemistas que Campinas conheceu. Em 1900, fundou o "Comércio de Campinas", em cujas colunas somente encontravam agasalho as causas justas e de direito incontestável. Escreveu algumas peças teatrais que foram representadas na época, com sucesso. Faleceu Henrique de Barcelos a 2 de setembro de 1911, tendo sido sepultado no Cemitério da Saudade.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XLVIII

Henrique de Barcelos

(Começa na rua José de A. lencar e termina na rua Francisco Glicério, na parte alta da cidade, na entrada do Bairro da Ponte Preta.)

A denominação foi dada pelo Edital de 10 de Julho de 1922. Chamou-se antes rua do Iahy e do Jatahy (plantas da cidade de 1878 e 1900).

DADOS BIOGRÁFICOS: — Henrique de Barcelos, nascido em Portugal, veio para o Brasil e fez, dêste, sua segunda Pátria. Pertencia ao comércio, mas só para a sua manutenção, sua vocação era o jornalismo, e assim, muito jovem ainda, inteligente e disposto à luta, resolveu, certo dia, realizar o seu sonho e sua mais justa aspiração: o jornalismo. Ingressou na imprensa, pelo "Sensitiva", pequeno jornal da época. Em 1874, ao lado de José Gonçalves Pinheiro, Antonio Sarmiento, fez circular o primeiro número de "A Mocidade". Por êsse tempo, já estava firmado o prestígio de Henrique de Barcelos, na imprensa e nos meios intelectuais de Campinas. Em 19 de Setembro de 1875, ao lado de Antonio Sarmiento (diretor e proprietário), José Gonçalves Pinheiro e Joaquim de Toledo funda o "Diário de Campinas", jornal que dirigiu cerca de 19 anos. A 1.º de Janeiro de 1885, surge "Correio de Campinas", fundado e dirigido por Henrique de Barcelos até o ano de 1894, quando deixou a direção para ocupar o cargo de diretor

do Ginásio Culto à Ciência, em cujo estabelecimento ocupava a cadeira de Português. Alguns anos mais tarde, reaparece Henrique de Barcelos em o "Comércio de Campinas", onde permaneceu até a sua morte.

Escreveu muito e dentre seus trabalhos para teatro encontramos "Os Dois Pagens", "Amores do Sr. Antão", "Amores de Um Jornalista" "Gato de Botas", etc. Em 1905, por iniciativa de particulares, foi colocada uma placa de bronze à porta do prédio da rua da Conceição n.º 426, sua residência, como homenagem da terra que tanto amou e serviu. Essa placa diz: "Nesta casa, viveu seus últimos anos, passou a sua máxima tensão, sofreu e batalhou, Henrique de Barcelos, educador e jornalista, português de ordigem, foi brasileiro de coração. Ao jornalista e mérito, ao cooperador do progresso de Campinas, consagra esta lápide, o povo agradecido".



CP- 14.11.1996

Colocação da placa no local onde morreu Henrique de Barcelos

O radialista e nosso colega de imprensa, Jolumá Brito, preferiu do seu programa transmitido diariamente pela PRC-9, Rádio Educadora de Campinas, às 7 horas, a seguinte alocução.

Henrique de Barcelos, jornalista português destacou-se na imprensa campineira desde quase o penúltimo quarto século XIX, quando foi chamado de "O Cavaleiro das Esporas de Ouro". Nascido na Ilha Terceira, em Portugal em 26 de fevereiro de 1854, ao desembarcar no Brasil logo que aqui aportou passou a morar na Corte do Rio de Janeiro. Pouco antes de vir para sua aquela que chamava de sua segunda pátria, Barcelos costumava frequentar em Lisboa o Teatro S. Carlos, cujo nome se tornou em traço leve de sua vida posterior pois que na terra de Quirino dos Santos chegou a conhecer frequentar o nosso Teatro São Carlos, que existiu onde está hoje o terreno do demolido Teatro Municipal Carlos Gomes. A vida do jornalista foi cheia de nuances curiosas, principalmente quando moço, que é a quadra mais ditosa da vida. E foi na cidade que adotará com sua, como se aqui nasceria, que lembrou seu velho Portugal da Torre de Belém, do Rossio e do Palácio de Queluz, que ele deixou a marca de seu talento nas páginas de nossa imprensa. Em nossas publicações diárias, Henrique de Barcelos, como se escreveu, devido ao estilo, ao seu talento poliforme é que se tornou, como se disse-no cavaleiro das esporas de ouro, embora pairassem alguma dúvidas sobre sua carreira, deixando na estelra de sua caminhada, alguns salpicos de sua inteligência. Henrique de Barcelos, que

tem uma rua com seu nome na cidade, faleceu repentinamente, em 2 de setembro de 1911, num prédio que existiu na rua da Conceição, esquina e a Boaventura do Amaral, hoje demolido e que deu lugar a construção de um edifício em condomínio. Quando da derrubada do velho casarão seus amigos mandaram confeccionar uma placa com seu nome, mostrando que ali morara Henrique de Barcelos, preito de homenagem que lhe fora prestada por seus amigos ao tempo de sua morte. O motivo desta crônica é atender uma jornalista de São Paulo, que muito venera e não sabemos qual o motivo, a memória de Barcelos e que nos pediu há tempos, quando se demolia o edifício para dar lugar à construção que lá existe agora, memória essa que a meu pedido o sr. Monetta, da firma Valbert & Monetta construtora do condomínio me cederá para que a guardasse. Naqueles dias entregues essa homenagem dos amigos do jornalista português, em mãos do responsável pelo depósito da Câmara Municipal de Campinas. Agora, terminado o edifício e já recebendo seus primeiros moradores, faço um apelo ao sr. Armando Paulinelli para que solicite do sr. Lauro Pericles Gonçalves a recolocação da mesma placa na casa de plano horizontal, hoje concluída. Curiosamente, talvez por uma predestinação da vida de Barcelos ainda que depois de morto, esse edifício chamasse Lisboa. Era seu destino. Mesmo morando e morrendo em Campinas, que o destino que a sua memória ficasse permanentemente gravado num edifício com o nome da bela e tradicional capital portuguesa.



EFEMERIDES CAMPINEIRAS

HENRIQUE DE BARCELLOS
 Na galeria dos militantes do jornalismo campineiro, ocupa lugar de destaque e saudosos mestre Henrique de Barcellos, cuja morte se deu no dia de hoje em ano que não foi possível precisar. Henrique de Barcellos deixou impressas as mais claras e positivas credenciais de sua tempera de jornalista, quer doutrinando sobre múltiplos assuntos, quer patrocinando o direito dos pequenos, ou ainda, defendendo pontos de vista em polémicas que marcaram época nesta terra, ora pelo brilhantismo das argumentações, ora pelo desassombro com que eram conduzidas. Filho de Portugal, mas brasileiro pelo coração, sempre defendeu os interesses do Brasil, que ele elegera sua segunda pátria. Tendo deixado sua terra natal ainda adolescente, desembarcou no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1873, quando se transferiu para o Estado de Paulo tendo se estabelecido

na cidade de Campinas. A-
 qui chegado, dedicou-se a
 carreira do comércio. Mas
 Barcellos não havia nascido
 para a carreira comercial.
 Habitavam em sua alma
 outros desejos. Sua vocação
 máxima era o jornalismo.
 Muito jovem, inteligente e
 disposto à luta, ingressou na
 imprensa por intermédio de
 um pequeno jornal: "A sen-
 sitiva". Em 1874 ao lado de
 José Gonçalves Pinheiro,
 Barcellos faz circular o pri-
 meiro número de "A Moci-
 dade". Já nesse tempo, esta-
 va firmado o prestígio de
 Barcellos nos meios intelec-
 tuais de Campinas. Com Jo-
 sé Gonçalves Pinheiro e Al-
 berto Sarmiento, funda em
 1875, o "Diário de Campi-
 nas", da qual foi diretor in-
 tellectual durante 10 anos.
 Deixando essa folha, logo de-
 pois Barcellos funda o "Cor-
 reio de Campinas", do qual
 se afasta mais tarde em vir-
 tude de ter sido nomeado
 diretor do "Colégio Culto à
 Ciência". Fica algum tem-
 po afastado do jornalismo,
 mas o bom filho, finalmen-
 te à casa retorna. Barcellos
 volta à arena da imprensa e
 com o seu retorno surgiu o
 "Comércio de Campinas",
 jornal que foi recebido com
 grande entusiasmo por to-
 das as classes sociais de Cam-
 pinas, e em cujo leme o gran-
 de jornalista permaneceu at-
 até a sua morte. Além de jor-
 nalista, Barcellos escreveu
 também diversos trabalhos
 para teatro, dentre os quais
 se destacaram: "Os dois pa-
 gens", "Amores do sr. An-
 tônio", "Apuros de um jorna-
 lista" e "Gato de Botas". E
 esse grande jornalista, edu-
 cador emérito, valoroso
 defensor dos interesses cole-
 tivos, amigo decidido dos
 pequenos, morreu pobre.

A Prefeitura Municipal de
 Campinas prestou homena-
 gem a esse grande vulto
 dando seu nome a uma das
 ruas da Cidade.

(Serviço de divulgação his-
 tórica do Documentário da
 Diretoria de Ensino e Difu-
 são Cultural).

(19.09.1875)

01.09-1900



O anoitecer da imprensa romântica em Campinas

(Conferência proferida pelo jornalista

JULIO MARIANO

Dia 30 ultimo, no Municipal, quando a Organização Artística Prata da Casa prestou homenagem a cinco veteranos integrantes da imprensa local

ca em Campinas

A imprensa amanheceu romântica, em a provinciana Campinas.

Despontando em o histórico 4 de abril de 1858, quando de muito. Mas nas letras em prosa e verso do Brasil-Imperio aqueles de nossos mas já excessivamente gastos babados românticos. De moda em declínio em a velha Europa, o jornal — "Aurora Campineira" — dos tenidos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizava e se glorificava sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" — que rememorando os primeiros da imprensa fluminense em jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precedeu o nascimento do sol dos ruidosos e festivos cânticos da alvorada, que no cântico épico de Leopardi é o instante em que volta a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no instante, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoicamente chama de candela, a tentar espalhar sombras de incultura e preconceito, na cidade ainda quase burgo, que se formara e se espalhou nas paragens do antigo sítio "Campinheira".

Essa, realmente a verdade sobre a clarão da "Aurora Campineira", como folha do amarelado de nossa imprensa. Mas para João Teodoro, tipógrafo letrado que a imaginou, fundou e realizou, manejando com desemboço e destemor a pena de quem seria como uma explosão de luz em o escuro de ignorância e superstição do meio, por demais provinciano, fora lançada a publicidade como tribuna de liberalismo, entretanto devotada a causa do povo, então capaz de rebelião ante os mandados da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engajamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não acenda ser tomado em o sentido mais vulgar do vocábulo, fazendo crer em algo semelhante aos suspiros a luz, por entre quadrinhas chorosas, nos passados cantores caelibrados, seresteiras de madrigais.

No jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais belas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura — são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este em aquele grupo de filiados a mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as nossois imitamos, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico, o moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nos o compreendemos, aqui, na interpretação que lhe dá um Pierre Lasserra. Revolução espiritual,

foi o romantismo uma desordem que abrangeu os sentimentos e as idéias, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abrangendo a política, no campo das idéias, com derramado humanitarismo pretende interferir nas leis e chocar-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário anárquico, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o gatilho Chateaubriand, nem por isso deixa de ser filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se a aliança selada entre a burocracia e o despotismo, se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo, com a tendência de conferir aos sentimentos, e não a inteligência, o direito de supremo guia da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, aquietada para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro aconchegado de passadas eras, um só, de língua em riste, a esgrimir contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação final dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pacto burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse pro-saicamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hódemadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o canudo de bacharel de um Hippólito José da Costa, João Teodoro, de natural arresse às barreiradas a governos e governantes, não somente se deixava apalpar pelos princípios liberais, divulgados pelas setas maçônicas, esparramadas, na época, por ai tudo da provincia. Evocado a distancia de um século, em perfil de largas e esfumadas plúmelas, o plomeiro da imprensa, na "Princesa D'Oeste", se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calvottos poezentos de antônio, frelando o vão largo das atropeladas idéias, para que melhor as pudesse conter, ajeitar em períodos, com os caracteres tipográficos em virem um a um, da caixa sob o condutor.

Revelado o tipógrafo a ninguém é dado estranhar este

mor e belicostidade em João Teodoro, que andou as turras, aos trancos, por causa do jornal, molestando-se inutilizando-se até ao ódio, com a gente grada da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo juiz da Comarca, O tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arrastando a pretensão lúgubra de poder consertar o mundo, nível a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem galanteio de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, acontecia descombar a pasquinadas, meter o heilho em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se engajara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteteiro afeiçãoado à luta, João Teodoro pelejou em época que, no dizer de Alberto Farla, era dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de telmotos". Possivelmente ameaçado de muitas fúndas, não se amedrontou. Se houve alguém por estas bandas desejoso de fazê-lo engolir a folha impressa, em qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, ditheiro algum se lhe meteu na alcebrada, para a compra de opinião ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitária da "Aurora Campineira", arcou o jornalista plomeiro com a trabalhadeira de dirigir, compor, imprimir e distribuir semanalmente, a folha, aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delitos de imprensa quinze? Talvez catorze. Porquanto em o décimo quinto processo, condenado o gazeteteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "Lumieiro" capotico do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e hombizar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruir, em 1869 aquela primeira legenda jornalística da velha Campinas deslindando-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteteiro, quebrando de vez a pena de nato com a qual esgrimia nos editoriais, fazendo-se cacato buranes, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia das impressões puramente comerciais.

Metanoeico capítulo do amanhecer da imprensa campineira, cujo lumino o de aurora colorido bonito de alvorada, um simples naves do poder burguês, materialista e utilita-

rio a seu modo, apagou, chumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguiram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Ciência, que por um instante sobem, remoinham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o po do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólicas, ficando estacas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo ele, ainda gloriosa aventura de gazeteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1869, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrara poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reunido em sua tenda de trabalho para o gazetismo bi-semanario alguns mocos imbuídos de sonhos literarios, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e José Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua De Galvo, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poesia se consorciasse a política, política de mocos, e de ver agitando em meio ao império do sr. Dom Pedro Segundo a idéia de uma república nos moldes da de 93, na Franca Comprehende-se o revolucionismo romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolicionista, de vez que a "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamados romances de Vitor Hugo eram devorados no original, pela juventude letrada do interior da provincia. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influencia norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira, entre nós conquistando de longe os jovens Campos Sales e Francisco Gilcêrio, este ultimo antigo aprendiz de tipógrafo na officina gráfica de João Teodoro que abraçado a um violão de serenatas, cantava, ao luar, possivelmente os próprios versos líricos adotando a "Marselheza" como himno de guerra, esses republicanos segundo anotoi Oliveira Vianna, "sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a na nella anilo-saxonia, num país em que a opinião, a maneira nulo-saxonia não existe". "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender, exatamente a causa dessa impossibilidade irritavam-se, impacientavam-se, desesperavam, e, invadidos, afinal pelo ceticismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fe nos instituídos". Romantismo puro, atecado nas colunas da "Gazeta", após o Manifesto de 1870.



Mas Campinas, em a década ... 1870-1880, oferecia já campo propício à imprensa. A política em efervescência, as idéias em choque, as folhas periódicas iam apontando aqui e ali, não importa se para o florecer de um dia como as rosas da Melherbe. Não diremos de todos esses jornais, e sim unicamente do "Diário de Campinas", que revelou os Sarmientos e Henriques de Barcelos para a história da imprensa campineira.

Aventura heróica e pitoresca, a que se entregaram juntos, amigos e quase irmãos, os moços Antônio Duarte de Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Ribeiro. Isto, antes dos idos de março de 1874. Não eram acadêmicos e nem pertenciam ao círculo de poetas e literatos da "Gazeta", de Quirino dos Santos. Simples ajudante de guarda-livros, o Moraes Sarmiento, e caixeiro de loja de ferragens o Barcelos, faziam ambos boa companhia com o aprendiz de alfaiate Gonçalves Ribeiro. Rapazes burgueses. Filhos de famílias burguesas. A aventura se lhes ofereceu, um dia, com o remate, por Antônio Sarmiento, do antigo prelo cambuí, da "Aurora Campineira", que se encontrava jogado num galinheiro, fundo de quintal da progenitora dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva. E os três imaginaram, daí, o lançamento de "A Mocidade", cujo lema de combate seria a defesa dos direitos da "classe caixeira".

Capital, para início da empresa, não dispunham de nenhum, porquanto a aquisição do prelo, camuflado se ultimou com trezentos mil réis, que Antônio Sarmiento tomara emprestado. O certo, porém, é que se "virando" e se desdobrando os três, em atividade manual e cerebral, partilharam "A Mocidade", que evoluindo era "Atualidade", um ano decorrido. Isto é, em 75, se travestia no másculo "Diário de Campinas", primeiro cotidiano a surgir na imprensa local, para a esplêndida jornada do abolicionismo, além de outras campanhas políticas ou de sentido humanitário.

Belo fruto, colhido da sementelra de romantismo puro.

A velha "Gazeta" e o antigo "Diário de Campinas", são jornais que legaram à geração de gazeteiros do presente século uma tradição épica de lutas e conquistas, no terreno das idéias, mas de mingado metal sonante. O gazeteiro do passado, de memória triste, poderia exclamar, orgulhoso, como o esquecido herói do medievo romance de cavalaria:

— "Mens arreis são as armas. Meu descanso, pelear!"

Para esse gazeteiro, hoje histórico, como certos monumentos ou objetos de museu, o direito de uso ao título — jornalista —, quando se lhe conferia, é porque houvera cavalgado valentemente em o largo terreno das justas, onde as polémicas se travaram violentas e frequentemente também, para as folhas, três ou quatro, de opiniões divergentes entre si, cada qual desfraldando bandeira própria, o combate vivo, cotidiano, era a sua razão de ser.

Ainda no decorrer do primeiro quartel do século vinte, a imprensa local, em sequência ao gazetismo praticado em os remotos dias de João Teodoro, Quirino dos Santos, os Sarmientos e Barcelos, lembrava tudo de romantismo em suas atividades e modo de encarar o mundo, os complexos problemas sociais. Uma imprensa que, permanecendo democrática nos moldes da Constituição da primeira República, era ciosa da verdadeira liberdade e individualismo, jamais aceitando freio algum à liberdade de opinião, de crítica e de crença, quer em a palavra falada, em praça pública, quer em a palavra escrita do mais rebelde dos pasquins.

Tais liberdades, hoje, como sabemos, facilmente se concedem e facilmente se cercelam. Quando não às claras, mediante providências devidamente camufladas, com o manejo de interesse ocultos.

Sensível aos temas humanitários e populares, respingados de nacionalismo e bairrismo, quase jacobinos, a imprensa, inda de ontem, de prêmios cambiais composta em caixotins sujos, de um punhado de tipos móveis, sovadíssimos, era por demais lírica em sua crença de que o jornalismo se fizera exclusivamente para o sacerdócio de idéias, juntos às massas, e boêmia de espírito de seus redatores, os homens da madrugada, os cruzados da pelega rude, cotidiana, em prol dos pequenos, dos humildes, os que destemerosamente investiam com a pena rombuda, feito lança, contra os abusos dos coronéis da política e privilégios de senhores da fortuna!

Isto, em nossos dias, além de romantismo puro, é um tanto perigoso para a estabilidade do jornal. Pode constituir crime de agitação, subversão da ordem social vigente, delito mais ou menos semelhante ao que perpetuou Catilina na maldição dos séculos.

Em verdade, outros tempos, outros costumes. Coincidindo o advento da moderna e melhor aparelhada imprensa, em Campinas, com o definitivo anocer do jornalismo romântico, tudo teria que ser diferente. Homens e máquinas. Não é mais aventureiro e perigosamente incerto o ser jornalista, quando a profissão se tornou comum e pacatamente burguesa, semelhante, como diria Théophile Gautier, a do banqueiro, do corretor de câmbio, do tabelião, do negociante, do farmacêutico, quem quer, enfim, que ganhe prosaicamente a vida. Na maioria das vezes, os profissionais de nossas gazetas, não mais confinam as próprias atividades com a primeira hora da madrugada. Outros, igualmente chamados "profissionais", ignoram o que seja o interior de uma oficina de jornal.

Em compensação, a classe ilustre, não mais de gazeteiros e sim de jornalistas, devidamente reconhecidos por sindicatos e entidades com êneres, evoluiu extraordinariamente, proliferou assombrosamente! O seu quadro, oportunamente divulgado, ao ensejo das festas centenárias deste abril, bem infirma a quantos possa interessar, facilitando as buscas do his-

toriador futuro, que Campinas atual é povoada de uns quatrocentos ou quinhentos jornalistas! Todos eles, com o favor de Deus, vivos e sãos. Dissêmos quatrocentos ou quinhentos, avaliando por alto, porquanto a lista de nomes que se remete à posteridade é longa e não encoraja muito à contagem. Seriam um milheiro, talvez.

Sim. Outros tempos, outros costumes. Em a época na qual colucina publicar-se diariamente nesta "Princesa D'Oeste" o "Correio de Campinas", o "Comércio", "Cidade de Campinas" e o novíssimo "Diário do Povo", a soma de gazeteiros por estas bandas não atingiria a casa dos trinta. Mas isto, convém assinalar, foi em a década 1910-1920. Desd'ali, progredimos muito!

Definitivamente encerrada, com a moderna imprensa, a atividade romântica e gazetismo épico de nossos jornais, mesmo assim nos quantos gestos de puro romantismo acontecem por aí, com este ou aquele homem de jornal, gestos que darlam assuntos a coloridas crônicas literárias. Para dizer só dos mortos, lembramos, entre alguns, o caso de José Dias Leme, quando convidado para redator-chefe do "Correio Popular", em o ano de 1946. Jornalista literato, à antiga, que passara pela chefia da segunda "Gazeta de Campinas", o amigo Juca, fino cronista, poeta delicado, todo ele sensibilidade para as artes e coisas da tradição, aceitara e convite que lhe fizeram, para dirigir o "Correio", marcando dia e hora para assumir o cargo.

Chega o dia de véspera. Em visita ao jornal, certamente para os preparativos de posse de suas funções, inicia o bom Juca Leme conversa com um dos diretores da empresa jornalística. Indagá da coluna de noticiário de falecimentos. Quer saber o porque de os necrológios passarem todos pela gerência. Informado de que tais notícias eram págas, o Juca estranha e protesta. Aquilo não podia ser. Cobrar notícia de falecimentos? Com êle, José Dias Leme, à frente da redação do jornal, não se cobraria mais o necrológio. O diretor, mui delicadamente, fez ver ao Juca que êle pretendia invadir seara alheia, interferindo na parte econômica do jornal, quando o seu cargo seria o de redator. Teima daqui, turra dali, e o resultado foi renunciar o Juca o cargo de redator-chefe do "Correio Popular", que nem ao menos houvera assumido.

Romantismo puro, o do saudoso José Dias Leme, e anacrônico para a época.

Lembramos, ainda, do caso de Benedito Florêncio, acontecido no "Diário do Povo". Cronista durante longos anos da seção "Tome Nota", que lhe confiaram, o Florêncio era vivo e gaiato, em seus escritos, usando de sal grosso e pluma em os comentários de fatos do dia. Popularizado como poucos, devido ao "Tome Nota", mal deixava transparecer o que lhe ia de sentimentos mais elevados, no íntimo supunham-no, geralmente, boêmio incontrolável, capaz de todas as troças, metido em todas as pan-

degas e até malandragens. O coração de Benedito Florêncio nutidamente revelava derramada ternura, quando discursava e os homens de sua raça, aos pretos. Ai, aos arroubos da eloquência, a voz se lhe esganiçava e os olhos se lhe tornavam rasos de pranto... Era, então, o tribuno e paladino de todos os negros, seus irmãos!

Gravemente enfermo, o Florêncio, lá em São Paulo, rodeado dos carinhos do único filho e velha esposa, presenciou que ia morrer, que não tardaria muito em fechar os olhos para o mundo. E lembrou-se do "Diário do Povo", jornal que lhe fora mais que simples campo de atividades literárias, em anos acumulados, que lhe fora como que uma religião, a segunda família, o seu teto de mais noites dormidas, porquanto Florêncio, gazetiero boêmio, tinha arrumado e seu catre desde há muito ao pé da máquina impressora do "Diário".

O enfermo, se arrastando como pôde, fugiu dos seus, ganhou a estação e tomou passagem para Campinas. Embrulhado em cobertor, foi deitar-se na dura e pobre cama, ao pé da impressora do jornal. Era seu supremo desejo, o morrer ali...

Dias depois, o filho, reconduziu Florêncio a São Paulo, quase à força. Não durou semanas...

Coisas românticas, doridamente românticas, de passados gazeteiros desta velha Campinas.

Testemunhos vivos, dessa imprensa de ontem, seus líderes, aí estão: o venerando Antonio Franco Cardoso, diretor-fundador do "Diário", após estreito companheirismo com Barcelos. E o lema do velho Cardosoino, quando diretor ativo de jornal, era o "meta o pau!" Um Tasso Magalhães, passado pela secretaria do "Diário do Povo", de Alvaro Ribeiro e Cardosoino, e que posteriormente chefio a redação do "Correio Popular" e fundou, com sacrifício das minguetas econômicas, o seu próprio jornal "Jornal de Hoje", — folha que, por excesso de romantismo de idéias e crenças revolucionárias e pobreza de capital sonante, não vingou. Um Benedito Cavalcante Pinto, redator-chefe de lutas, em a segunda "Gazeta de Campinas", cujo empastelamento, em 1930, tentou impedir, êle só, frente a multidão politicamente fanatizada e ebria para a desordem. E êle, Cavalcante, peito à vela, sem armas outras que os próprios punhos, expôs-se inutilmente a um quase trucidamento, por amor ao jornal! Ai está o Sarmientinho, repórter desde o ano de 1910, memória viva para quantos fatos policiais se sucederem neste derradeiro meio século de nossa Campinas. Ai está o Carlos Alberto de Oliveira, repórter de todas as festas que se realizaram em quarenta anos, nesta "Princesa D'Oeste", e que como correspondente de "O Globo", do Rio, almeja a eternidade...

Companheiros vivos, da imprensa de outros tempos, a todos eles nós rendemos as nossas homenagens, neste complemento de festas centenárias do jornalismo campineiro, cujo romantismo anoceteceu, morreu!